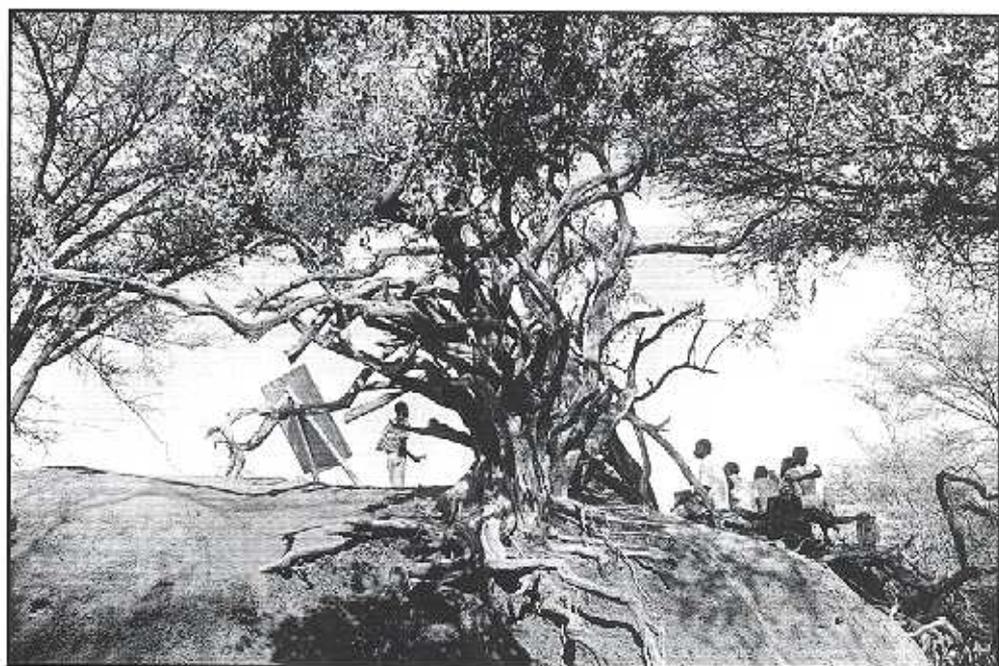


Longe das águas e das riquezas antigas



Muhamar tinha 17 anos de idade. Desde os 12 não vivia mais com seus pais. Deixara o país para se livrar do serviço militar que o levaria à guerra. Seu país vivia em guerra desde a década de 1970, quando as várias etnias se uniram contra as tropas coloniais e proclamaram a independência. Ele não sabia o significado de pertencer a um lugar pacífico, pois, quando nasceu, os grupos twas, hutus e tutsis já combatiam entre si e alguns disputavam o poder por meio da luta armada. Só conhecia o povo de sua província.

Sua mãe contava sempre uma história, muito antiga, dos tempos da dominação alemã, que visava a exploração econômica de vários lugares da África. Um dos produtos de grande interesse era o algodão, mas queriam também os minérios, o petróleo e, especialmente, os trabalhadores.

Os parentes de Muhamar eram artesãos que produziam fibras e as tingiam com cores fortes, como o vermelho, o azul, o amarelo, com as quais faziam redes, forração de paredes, cestos e adornos que usavam em arranjos especiais para descansar, proteger o corpo ou a cabeça do sol e dos ventos fortes.

Olhou para Zamia, sua amiga inseparável, e admirou a textura e a cor da túnica amarela e laranja que cobria seu corpo longo e magro.

- Somos muito bons na arte de tecer, não acha? – perguntou à garota que estava distraída.
- E daí? Continuamos pobres e refugiados – respondeu a moça com desânimo.
- Temos de aprender a valorizar nosso território – afirmou com convicção. – Há muitos séculos nosso continente é cobiçado e disputado pelos europeus e agora pelos americanos. Isso prova que temos muito valor.
- Fomos também escravizados e vivemos muitos conflitos internos. Como combater essa situação, agravada ainda pela idéia de que somos atrasados? – disse a moça.
- Relembrando nossas tradições, nossas culturas tão diversas e ricas. Temos bom tabaco, riquezas minerais, petróleo – respondeu o rapaz.

- Precisamos construir uma imagem nova, é isso que você pretende?
 - Claro! Lembre-se do Saara, das descobertas sobre a origem do homem, dos valores arqueológicos, dos antigos impérios. Pense que nosso continente está entre o Atlântico e o Pacífico, permitindo a formação de países com múltiplas experiências.
 - É preciso também lembrar que mantemos nossa língua, costumes, mesmo tendo sido colonizados por várias nações européias. Aqui se fala português, francês, inglês, mas nossas línguas não foram abandonadas, elas são nosso modo de comunicação e poucos dos colonizadores da Europa e da América as conhecem.
 - Entretanto, vivemos num campo de refugiados – disse o rapaz. – Estamos na Tanzânia, com jovens de muitos lugares da África, especialmente do sul do Sudão, Angola e Moçambique.
- Ambos estavam sentados num monte de folhas de tabaco e olhavam o céu estrelado.
- Sabiam que o caso mais trágico era o dos ruandenses. Desde 1994, com a morte do presidente hutu, Juvenal Habyarimana, o país entrara numa guerra civil cujas atrocidades comoviam o mundo.
- Matar o presidente com um míssil no aeroporto de Kigali foi um ato de extrema ousadia – afirmou a moça, pensativa.
 - O pior é que a impunidade sobre os vários crimes estimula seu crescimento. Quantos já foram mortos? Os números são absurdos – afirmou, aflito.
 - Entre cem mil e um milhão! É impossível aceitar tamanha diferença. Não posso aceitar a idéia de que somente os tutsis tenham responsabilidade nesse genocídio. Pelo menos, a Frente Patriótica Ruandesa tem procurado encontrar os corpos dos chacinados que se espalham por mais de 200 quilômetros entre Kigali e Ruanda. Os mortos são tutsis e apenas alguns hutus mais moderados.
 - Temos de refletir sobre nossas dificuldades também – afirmou a moça. – Por que somos tão pobres, se temos tantas riquezas?
 - Somos produtores de café, batatas, feijões, minerais. Compramos máquinas, motores e equipamentos dos europeus que nos colonizaram. Alemães e belgas ainda nos exploram. Compramos caro e vendemos barato.
 - É muita a diferença? – perguntou a moça.
 - Enorme. É de mais de cem milhões por ano. Por isso temos muita pobreza. Doenças e desnutrição são fruto de nossas carências de recursos.
 - Como você sabe tantas coisas, Muhamar?
 - Pelas histórias contadas por meus avós e minha mãe. Também leio muito. Não apenas nossos escritores, mas também jornais e, quando trabalhei para o Comitê das Nações Unidas, pude encontrar muitas informações pelas redes de computadores.

Zamia tinha muito interesse em lidar com as máquinas de comunicação, como as apelidara. No campo da Tanzânia não era possível acessar a Internet e muitos jovens não conheciam o francês, usado nas escolas de Ruanda.

- O francês é uma bela língua, mas não nos coloca no mundo – comentou, distraída.
- É bom não se esquecer de que poucos de nós sabem ler e escrever – disse Muhamar. – Poderíamos aproveitar e ensinar aqui no campo – afirmou, animado.
- Pode ser uma boa idéia, mas não temos materiais. O que vamos usar? Podemos usar a própria terra, a argila, alguns gravetos para fazer as letras, nossos artesanatos podem ser trocados por materiais como canetas, lápis e papel. Quando faltarem, os trabalhos dos jovens podem ser bons materiais de divulgação de nosso esforço pela vida.
- Talvez dê certo. O pior é não podermos estar em nosso país, a quantidade de mortos e os refugiados espalhados por tantos lugares como este em que estamos. Temos de criar um modo novo de viver. Será que a África poderá ainda ser um lugar de paz e de defesa da vida?
- A história deste continente é trágica, Muhamar. Foram muitos deslocamentos populacionais, muito antes de os portugueses chegarem no século XVI. Desse momento em diante, nosso povo foi levado para as ilhas do Atlântico e para a América, como escravo. Depois fomos dominados e explorados pelos europeus, que fomentaram ódios profundos. Disso tudo sobraram muitas divisões internas e as guerras.
- Temos de divulgar nossas histórias e, como você mesmo diz, mostrar que somos portadores de valores culturais antigos, distintos dos europeus. Aliás, eles também nos consideraram especiais, tanto é assim que continuam disputando nossa África. Temos muitas riquezas em água, em petróleo e muitos minérios e, por isso, possibilidades de criar um novo lugar de generosidade e alegria.

FOTO Escola para jovens que escaparam do recrutamento forçado no sul do Sudão. Campo de refugiados em Kakuma, Norte do Quênia, 1993.

MAPA n. 6 Refugiados no continente africano: sudaneses, ruandeses, moçambicanos e angolanos.

LIVROS BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972 ■ CANÊDO, Leticia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Atual, 1997 (Col. Discutindo a História) ■ CARDOSO, Renato. Estado e desenvolvimento em África. *Economia e Socialismo*, 10(71), mar. 1987 ■ CASTRO, Armando. *O sistema colonial português em África – meados do século XX*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1980 ■ CHIALIAND, Gerald. *A luta pela África*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FILME *Preto e branco em cores* (1976, Jean-Jacques Annaud).

O território de Ruanda-Urundi, após a Primeira Guerra Mundial, passou a ser governado pela Bélgica, em razão da partilha da África entre as nações vencedoras do conflito. A Bélgica exercia a administração por intermédio do Congo (depois Zaire, hoje, República Democrática do Congo) e, com isso, os tutsis se consolidaram no poder, mesmo sendo minoria. Entretanto, os agricultores hutus organizaram-se no Partido do Movimento de Emancipação Hutu (Parmehutu) e, em 1959, derrubaram a monarquia tutsi.

Depois de violenta guerra civil, o governo colonial belga resolveu se retirar e o Parmehutu, observado pela ONU, venceu as eleições, em 1961. Um ano depois, separou-se do Burundi. A estrutura de poder que favorecia os tutsis foi abolida, as terras foram repartidas em lotes privados, mas não se obteve com tais reformas a unidade nacional desejada.

Em 1964, inicia-se a guerra civil, que deixou 20 mil mortos e expulsou 160 mil tutsis do país. A guerra se deu pelos conflitos étnicos entre os twas, responsáveis pelo artesanato, tutsis, pela criação de gado, e hutus, pela agricultura, cujos interesses pareciam antagônicos, dificultando a instalação de um poder político centralizador, o desenvolvimento da vida urbana e de novas relações sociais.

No final da década de 1960, tentou-se reintroduzir o cultivo do café, abandonado desde a independência. Ao contrário do que se esperava, os conflitos aprofundaram-se com a criação de uma burguesia rural que, sobreposta às demais divisões, provocou enormes ondas de violência.

Diante da ameaça de nova guerra civil, o coronel Juvenal Habyarimana derrubou o presidente Kayibanda em 1963, dissolveu o Parmehutu e procurou reconciliar Ruanda com os países vizinhos. Criticado por ter relações próximas com a França e com o Zaire e por desenvolver um programa liberal, Juvenal optou por expulsar seus adversários do partido e prendeu os opositores mais radicais como Alexis Kanyarengwe, que se refugiou como perseguido político na Tanzânia.

Em 1982, Uganda iniciou a expulsão maciça e violenta dos exilados de Ruanda, que não estavam autorizados a retornar ao país. Povoados inteiros foram queimados, mais de 10 mil pessoas ficaram desabrigadas e sem comida. Em 1986, Uganda concedeu cidadania aos que aí viviam havia mais de dez anos, melhorando as relações entre os dois países. Habyarimana criou o Conselho Nacional de Desenvolvimento, democratizou o país, libertou mais de mil presos políticos e adotou algumas medidas em defesa dos direitos humanos, especialmente nas prisões. Em 1988, foi reeleito, garantindo a volta de 60 mil hutus procedentes do Burundi.

Em 1990, Fred Rwigyema, um alto oficial tutsi, liderou um levante militar contra o país, tendo o presidente pedido ajuda da Bélgica, França e Zaire para combater o golpe.

Em 1991, novo ataque, agora de 600 soldados da Frente Popular Ruandesa, foi rechaçado. No ano seguinte, 300 tutsis foram assassinados e 15 mil obrigados a se deslocar para Mugesera. Em 1994, com as mortes de Juvenal e de Cyprien Ntaryamira, num atentado contra o avião em que viajavam para Kigali, após uma Conferência de Paz na Tanzânia, iniciou-se novo banho de sangue que eliminou 800 mil pessoas em três meses. França, Estados Unidos e Bélgica decidiram enviar tropas e retirar os estrangeiros. O governo de Mitterrand autorizou o ataque ao aeroporto de Kigali, para retirar 600 franceses que moravam na cidade.

Em 1997, a Anistia Internacional denunciou não só o grande número de valas comuns com cadáveres, como também os assassinatos de tutsis e hutus, assim como de funcionários da ONU. Em 1998, Kofi Aman (Secretário Geral da ONU) e o papa João Paulo II pediram clemência para 22 responsáveis pelo genocídio, mas não foram atendidos.

O atual presidente, Pasteur Bizimungu, responsabiliza o longo processo de dominação europeia tanto pelo genocídio quanto pelas divisões internas do país.